

MÚSICA E EDUCAÇÃO: *educando em todos os cantos*⁷⁸

PAULO ROBERTO PADILHA⁷⁹

RESUMO

Este texto discute a necessidade de associarmos música e educação, para mostrar que a música já é, em si, educação, e enfatizar todas as manifestações artísticas. O objetivo é que, mais sensibilizados, professores e alunos aprendam mais e sejam mais felizes no intercâmbio de experiências e na escrita das suas próprias histórias. Desse modo, valorizam-se as dimensões da ética, da estética e da ação humanizadora e transformadora da educação, o que implica também a autoestima pessoal de quem aprende e ensina, ao formar sujeitos num mundo educador que a todos e a todas pertence.

PALAVRAS-CHAVE

Música, educação, sensibilidade, intertransculturalidade, humanização e mundo educador.

ABSTRACT

This text discusses the necessity to associate music and education, showing that music is already, itself, education, and emphasizes all the artistic manifestations. The goal is that, with more sensible feeling, teachers and students can learn and be happier during the interchange of experiences and writing their own

78. Este texto atualiza o “primeiro movimento” de meu livro *Educar em todos os cantos* (2007/2012).

79. Pedagogo. Mestre e doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Diretor Pedagógico do Instituto Paulo Freire. Autor de – além de artigos e outras publicações – vários livros, entre eles: *Planejamento dialógico: como elaborar o projeto político-pedagógico da escola* (2001); *Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação* (2007) e *Educar em Todos os Cantos: por uma educação intertranscultural* (2012). É palestrante do Instituto Paulo Freire desde 1994. Foi professor universitário, bem como professor efetivo da rede estadual de educação de São Paulo. É também bacharel em Ciências Contábeis. Possui também formação em música erudita e popular (violão). Contato: padilha@paulofreire.org.

stories. Thus, they value the dimensions of ethics, aesthetics and humanizing and transforming action of education, which also implies the personal self-esteem of those who learn and teaches, forming subjects in an educating world that belong to all of us.

KEYWORDS

Music, education, sensibility, intertransculturality, humanization and educator world.

PAISAGEM

(Letra e música: Paulo R. Padilha)

Sonhar

É mais que alimentar sementes
É a fragrância de um perfume
Que só quem sonha é que sente
Sem mais nem menos nos revela
O inconsciente, o inconsciente

Viver

É não fugir de uma paixão
Pra não fazer sofrer o coração
Que teima em ser aprendiz
Que sempre quer ser mais feliz
Que sempre quer ser mais feliz

Quem vive

Melhor vive se sonhar
O amor é um sonho em alto-mar
Que nunca tem fim
E que é mais intenso, mais eterno
Ao desabrochar, ao acordar
Ao acordar, ao acordar, ao acordar
E que é mais intenso e mais eterno
Ao desabrochar, ao acordar, ao acordar
E que é mais intenso e mais eterno

Sonhar

É o nascer de um desejo ardente
Que brota da flor do presente
E que tem gosto de amanhã
Que tem cheiro de hortelã
Que tem cheiro de hortelã

Viver

É realizar o sonho agora
E é dizer a toda hora
Amor te amo pra valer
Amor te amo pra valer
Amor te amo pra valer

E como é possível evitar
O encanto da paisagem desse olhar

Que faz renascer em mim
A esperança que nunca se cansa
De voar, de voar, de voar
A esperança que nunca se cansa
De voar, de voar, de voar...
A esperança
Que nunca se cansa...

QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA

“Quem canta seus males espanta”, diz o dito popular. Esse ditado, tão conhecido, é um exemplo do que a música é capaz de provocar em todas as pessoas que cantam uma canção ou mesmo que se pegam cantarolando uma melodia que acabou de ouvir ou de se lembrar. De repente, ao cantar ou cantarolar, “esquecemos da vida”, relaxamos, superamos tristezas, depressões. Por outro lado, também com a música, podemos voltar no tempo, recordar passagens de nossa existência que foram marcadas por determinadas melodias, em momentos mais alegres ou tristes e de diferentes intensidades emocionais.

A música tem essa capacidade de nos levar ao passado ou então – dependendo do teor de sua própria poesia, da sua rítmica ou do tipo de música que escutamos – de transportar-nos ao futuro, seja em nossos sonhos de mudança, de transformações, seja no sentido de também divagarmos e nos deixarmos levar pelos sons que tomam conta de nosso corpo, de nosso espírito, de nossos sentimentos.

Por exemplo, quando, na paródia “Um pouco mais de coragem”, apresento o conflito que é a formação universitária sem condições financeiras, somada ao desemprego e à necessidade de conciliar trabalho e estudos, retomo a minha própria história, às histórias de muitas de minhas ex-alunas na universidade, que tantas vezes nem sequer tinham dinheiro para tirar cópias dos textos indicados pelos professores. Situação difícil para quem deseja trilhar uma carreira profissional e que não possui, nem da parte do Estado, nem da família, qualquer apoio financeiro. Muitos de nossos leitores e de nossas leitoras, certamente, também passaram por isso ou já presenciaram situações parecidas.

É isso o que a música também pode fazer: ajudar-nos a evidenciar problemas que, muitas vezes, parecem ser menores na vida das pessoas e da sociedade. Nesse sentido, caber perguntar: quando é que vamos enfrentar para valer o grave problema da falta de universidades no nosso país, da falta de emprego para jovens e adultos? Até quando continuaremos sendo vítimas de uma privatização do ensino superior que, por exemplo, pouco ou quase nada investe em pesquisa e na formação humana com qualidade sociocultural e socioambiental?

É muito presente a capacidade que a música tem de vencer o limite do tempo e do espaço. Há pessoas que evitam ouvi-la porque, de alguma forma, ao fazê-lo, entristecem-se. Sem saber muito bem o que acontece, muito provavelmente, associam o que escutam a fatos do passado e transferem, para o presente, sentimentos remotos que marcaram as suas trajetórias. Nesse caso, uma boa opção talvez seja

a pessoa procurar escutar algumas músicas que, de alguma forma, marcaram suas vidas positivamente ou, então, enfrentar essa situação procurando preencher suas vidas com novas musicalidades.

Outras pessoas – como é o meu caso, por exemplo –, para se alegrarem ou para se sentirem mais estimuladas ou mais calmas, dependendo do momento que estão vivendo, recorrem a diferentes canções e se envolvem a tal ponto com elas que conseguem, respectivamente, superar o desânimo ou o estresse anterior. Em ambos os casos, torna-se necessário educar a nossa própria capacidade de escuta musical, com o que desenvolveremos melhor a nossa sensibilidade auditiva. O mesmo se aplicaria a outras manifestações artísticas: é urgente, para a nossa humanização, que sejamos educados, mais bem educados, tanto para produzir arte como para entendê-la, vivenciá-la e apreciá-la.

Há situações em que a música nos marca tão fortemente que somos capazes de recordar imagens e detalhes de fatos vividos há muito tempo. Ficamos até surpresos com as nossas próprias lembranças, pois as vemos “como se fosse hoje”.

E, por falar nisso, convido o leitor e a leitora a cantar, comigo, uma música que, quase certamente, frequentou – no caso do Brasil e dos brasileiros – a sua vida em algum momento.

A CASA

(Vinícius de Moraes)

Era uma casa muito engraçada
Não tinha teto, não tinha nada
Ninguém podia entrar nela não
Porque a casa não tinha chão
Ninguém podia dormir na rede
Porque a casa não tinha parede
Ninguém podia fazer “pipi”
Porque penico não tinha ali
Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos número zero

Escutei essa música muitas e muitas vezes, que já foi gravada em disco de vinil, reproduzida e regravada em CD e, muito possivelmente, já tem sido apreciada pela *internet*, em redes digitais de música. Essa é uma música muito popular no Brasil, que, certamente, muita gente conhece. Por isso, a sua utilização como exemplo no contexto deste texto. Trata-se, portanto, de uma música clássica, no sentido de ter resistido ao tempo e permanecer viva há várias décadas. Eu já a cantei inúmeras vezes para meus filhos, meus alunos e alunas, para meus pais, de certa forma embalando-os, como fizeram também comigo, com essa e com outras melodias.

A canção “A casa” sempre me remete ao lar que tive, que tenho, e me faz pensar nas crianças, nos adolescentes e jovens que, infelizmente, nem sequer têm onde morar. Ela também me remete à necessidade de cuidarmos bem, de forma

sustentável, da nossa casa maior, o planeta Terra, que nos acolhe sempre... nossa casa, o mundo em que vivemos – até porque nós mesmos somos o próprio planeta em que vivemos. Somos Terra.

Pensar na dimensão planetária, na nossa relação com o mais próximo e o mais distante, com o local, mas também com o global, com base na música, significa também resgatarmos dentro de nós a musicalidade das crianças que fomos e pensarmos no ritmo dos nossos diálogos cotidianos com as crianças, com os adolescentes e com os jovens de hoje. Falamos e cantamos *para* eles ou *com* eles? Quem tem mais a ensinar e a aprender com o outro? Quem ensina quem, seja em casa, na comunidade, na escola, na cidade e no planeta? O que as crianças que encontramos nas ruas e nos semáforos, sobretudo nos grandes centros urbanos, têm a nos ensinar com as suas performances atléticas, circenses, mágicas, rítmicas, comerciantes, às vezes ameaçadoras, mostrando-nos, em suas condições de pedintes ou de trabalhadores mirins, que tão cedo já estão sendo abandonadas “pela sorte”, com os seus direitos negados pelo Estado, pela sociedade, pela própria família e, claro, por todos nós? Temos aí, evidentemente, um problema social muito sério a ser enfrentado. E a música, também nesse particular, sempre foi e é, a cada dia mais, utilizada como forma de denúncia, de protesto e de luta para a garantia dos direitos sociais, culturais, ambientais e humanos.

Crianças que, desde cedo, acumulam vivências musicais no seu ambiente familiar e escolar têm maiores perspectivas de se tornarem pessoas mais sensíveis em relação à música e de atribuírem maior valor à presença da musicalidade em suas vidas, sejam quais forem as suas atividades profissionais futuras, com o que se tornam também pessoas mais conectadas a outros “sons” de suas existências. Mas isso não deve ser entendido como algo que impeça a pessoa de, em qualquer fase de sua vida, vir a gostar de música, de aprender a tocar um instrumento, de se educar musicalmente.

MÚSICA: ATIVIDADE CRIATIVA E HUMANA

A música embala o nosso corpo, toca ainda mais o coração dos apaixonados e quase sempre marca intensamente o encontro e o desencontro deles. Ela traz para junto de nós as pessoas que amamos, os amores com quem convivemos e renova aquele sentimento bom de – por frações de segundos, mesmo a distância – sentirmos bem perto a presença das pessoas que nos querem e que queremos bem.

Como atividade criativa, a música também causa fortes emoções, de modo que, por exemplo, não nos permite parar de compor até que fique pronta, a não ser que tenhamos a certeza de termos registrado a sua estrutura melódica e/ou harmônica. Ela pode nascer de uma inspiração, mas, geralmente, para o músico, resulta também de muita transpiração. Até porque o processo criativo não é fruto do mero acaso, mas, na verdade, trata-se de uma busca permanente.

Inspiração e transpiração interconectadas, dialeticamente, nos provocam cansaço e descanso, dor e prazer, um decorrente do outro, um complementando o outro na busca do novo som, do silêncio surpreendente, do ritmo que

mantém a pulsação ou que, alterado subitamente, desconcerta o ouvinte; falo da música que aflora da mente, do coração, das mãos, do corpo todo do compositor ou da compositora. E é sempre resultado dessa ação de profunda ousadia humanizada e humanizante.

De qualquer forma, iniciado o processo criativo, há de se garantir a sua continuidade, mediante o registro de sua melodia, de sua rítmica, o que pode ser feito tanto numa partitura ou, então, ao gravar em áudio ou em vídeo o resultado parcial do processo e, em alguns casos, a sua base harmônica. O interessante é que, até que fique pronta, aquela sensação adrenalínica continua presente no espírito e em todo o corpo do compositor. É algo realmente excitante e mágico.

A sensação acima descrita, considerada em diferentes intensidades, é comum a todo processo criativo. Acontece quando alguém escreve um novo texto, um novo livro, quando compõe uma personagem teatral ou cinematográfica, quando se ensaia uma nova coreografia de dança ou reinterpretemos alguma já existente, quando pintamos uma nova tela, um novo desenho, ou quando captamos e revelamos uma imagem fotográfica que sempre quisemos registrar, num momento único de nossa experiência vital. Ou, ainda, quando esculpimos uma imagem, dando novas formas a determinados materiais, quando realizamos alguma descoberta científica ou nos entregamos profundamente à nossa atividade profissional e vemos brotar do nosso esforço, individual ou coletivo, o resultado das sementes antes plantadas.

Metaforicamente, poderíamos dizer que, enquanto o ator vive várias vidas numa só, o músico também passa por essa mesma experiência e vivência, simultaneamente, a paternidade e a maternidade de sua criação. É que cada nova música feita, considerados os limites da comparação, é como se tivéssemos gerado um filho ou uma filha e que, agora, estamos presenciando o seu nascimento. Uma nova música, após “vir ao mundo”, necessita de cuidados, de acompanhamento, com o que crescerá mais forte e mais bonita, dependendo do carinho e da atenção que recebeu de nós. É necessário “saber cuidar” da música, como dos nossos filhos. Cuidar e acompanhar um filho ou uma música exige aprendizagem permanente, abertura ao novo e uma grande capacidade de educar e de se educar no processo. Isso se aplica a todo processo criativo e vital; não se limita, naturalmente, à música.

E por falar em nascimento e em educação, relembro, agora, da paródia que fiz para a música “A casa”, essa que soa para mim como uma homenagem à infância e à velhice – a “melhor idade”, dependendo do ponto de vista, isto é, se ela realmente for melhor cuidada por todos nós. Até porque, como costumamos dizer, toda pessoa idosa volta a ser um pouco criança. E nós, adultos, na verdade, nunca deixamos também de sê-lo.

Foi assim que, pensando na escola e na educação, transformei “A casa” em “A escola”: Era uma escola/muito malvada/não tinha afeto/não tinha nada/ninguém podia/entrar nela não/só se falava em reprovação/ninguém podia/falar sem medo/porque o clima/era azedo/ninguém podia/brincar, sorrir/felicidade não tinha ali/Mas essa escola/mudar eu quero/esquecer o tempo/da nota zero.

Quem de nós não frequentou uma escola com essas características, que nos tratou, pelo menos em algum momento, com alguma frieza, com exagerada forma-

lidade, com excesso de disciplina, onde não se podia falar, nem quase perguntar, nem expressar angústias, dúvidas, medos. Quem quase não entrou em pânico diante da “ameaça” de uma “prova escrita e sem consulta” ou, então, sentiu-se inseguro e na expectativa de algum tipo de reprovação, relacionada à avaliação, pelo professor, do nosso (mau) comportamento?

Essa paródia, tão simples, como também a letra original, pode suscitar várias perguntas: por que, de repente, não há ou não havia felicidade na escola ou na educação? Será que isso teria a ver, sob algum aspecto, com a falta de sensibilidade das pessoas que planejavam a educação e a avaliação na escola e daquelas que apenas aplicavam o que as outras pensavam, sem consultar os maiores interessados no processo, ou seja, os próprios alunos? O que estaria por detrás dessa aparente “falta de sensibilidade”, dessa concepção “bancária” de educação, que apenas transmite conteúdos, sem dialogar com a cultura de quem aparentemente, para aquela perspectiva educacional, só aprende e nada tem a ensinar? Qual a visão de mundo, de natureza humana, de direitos, de direitos humanos, de desenvolvimento humano que fundamenta essa prática? Quais as ideologias presentes nesse tipo de ensino? E a serviço de que sociedade e de que educação está esse tipo de pedagogia?

Não há uma resposta simples a essas perguntas complexas. De qualquer forma, não é difícil inferir, por nossas experiências remotas e pelo que viemos até aqui analisando que a escola que tivemos – e, em muitos casos, que ainda temos – separava e ainda separa razão de emoção, trabalhando mais os conhecimentos científicos e menos com os saberes prévios dos alunos, com as manifestações da sua cultura. Essa escola insistia e continuava tantas vezes teimando em não incorporar ao seu currículo o que se passava na vida dos alunos, ou seja, a sua “cultura primeira”, as suas experiências prévias, entre elas, as artísticas, como a música. Uma escola que não politiza o ato educativo e que, portanto, distancia-se dos verdadeiros interesses dos alunos e da possibilidade de contribuir para a educação que emancipa, que transforma o estudante em cidadão ativo, sujeito de sua própria história.

Quando a escola é mais sensível aos saberes e à própria sensibilidade de seus aprendizes-ensinantes e de sua comunidade, ela, aos poucos, consolida uma nova cultura interna e aprende a utilizar, mais e mais, as múltiplas linguagens, as multireferencialidades humanas e o potencial criativo das crianças, dos adolescentes, dos jovens, dos adultos e das pessoas idosas, que tanto têm a nos ensinar e, também, evidentemente, a aprender com as mais jovens, sempre. Dessa forma, ela começa a aproveitar melhor essa energia social e cultural presente na comunidade – tantas vezes considerada invisível, por mais que esteja presente na vida concreta e real desta – e a fortalecer vínculos relacionais e criativos de toda a comunidade escolar, o que acaba tendo reflexos positivos na sala de aula, nas aprendizagens escolares e na educação em geral.

A música, para além de sua difusão pelos meios de comunicação de massa – rádio e tevê, principalmente e, mais recentemente, pela *internet*, que, infelizmente, a cada dia tendem a pensar mais no dinheiro que ganham com a música e menos na qualidade musical e artística delas, o que se aplica também às

grandes produtoras musicais –, está presente na história e na vida das pessoas na forma de cantigas de ninar, cantigas de roda, na expressão da religiosidade do povo (nos hinos, por exemplo), nas antigas cantorias de trabalho que marcavam o ritmo das atividades dos trabalhadores. Está também nas atividades com finalidades de diversão, de dança e, também por isso, não faz sentido que a escola deixe de se aproveitar de toda essa experiência cultural para favorecer as aprendizagens das crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. E quanto mais a educação que se pratica dentro da escola abrir-se à cultura popular e às experiências da Educação Popular, mais o seu currículo terá um sentido emancipador, mudancista, capaz de relacionar as múltiplas dimensões dos saberes e dos conhecimentos humanos.

MÚSICA ONTEM, HOJE E AMANHÃ: EDUCANDO EM TODOS OS CANTOS

As primeiras manifestações musicais, segundo a história mitológica da música, no mundo ocidental, teriam surgido depois da vitória dos deuses do Olimpo sobre os seis filhos de Urano, mais conhecidos como os Titãs. Nesse contexto, Apolo é Deus da música. Na perspectiva da história não mitológica, entende-se a música como expressão dos sentimentos por meio da voz humana, o primeiro instrumento musical (natural). A partir daí, nasceriam outras vozes que seriam a raiz da música instrumental.

Na perspectiva bíblica, o pai de todos os que cantavam com a harpa e o órgão é Jubal, descendente de Caim, que pode ser considerado o inventor da música instrumental e, entre outros instrumentos, da lira (GÊNESIS 4, 17-22).

Nessa brevíssima retomada histórica, só para exemplificar, já percebemos diferentes explicações para o surgimento da música, isso porque, para cada contexto e momento histórico, para cada povo e cultura, o nascimento ou surgimento da música é também interpretado diferentemente. Por isso mesmo, independentemente de sua origem, ela sempre está relacionada às guerras, à paz, às campanhas heroicas, às festas, à sensibilidade humana, à natureza e à consolidação e registro da cultura dos diferentes povos de todos os tempos e lugares. Também por isso, a música é uma forma de educação e de expressão presente em toda a história da humanidade e de todos os ecossistemas (o mundo é sonoro!) para alimentar o nosso espírito, para animar as nossas ações, dar ritmo ao nosso trabalho e tornar mais prazeroso o nosso repouso e o nosso ócio, igualmente fundamentais para a renovação da vida no planeta e para a criatividade humana.

A musicalidade, como integrante de toda a natureza, é, ao mesmo tempo, manifestação natural e cultural. Ela representa uma das mais importantes expressões universais da humanidade. A música é também “intertranscultural” (PADILHA, 2004; 2012), como pode ser a educação quando ela respeita, valoriza e se relaciona com as diferenças e semelhanças culturais, enfatizando a relação humana, dialógica e transformadora e a superação de toda e qualquer injustiça, preconceito ou submissão. Mas, dependendo de nossa práxis, entendida como ação transformadora,

é bom lembrar que tanto a música como a educação podem ser conservadoras ou revolucionárias, inclusivas ou, ao contrário, utilizadas para manter uma ordem dominante, preestabelecida, excludente, que não deve ser contestada.

Trabalhamos para que arte e educação contribuam para dar mais sentido às aprendizagens humanas transformadoras e mudancistas, mais do que simplesmente inovadoras. Queremos combinar não só os conhecimentos científicos inter e transdisciplinares, mas, sobretudo, considerar outros saberes, geralmente desprezados pela ciência, relacionados às subjetividades, sensibilidades e sentimentos das pessoas, que vise uma educação integral, relacionada à totalidade do sentir-pensar-ser-fazer humanos. Essa é uma característica marcante do que chamamos de “educação intertranscultural”.

Por esses e outros motivos, buscar coerência entre teoria e prática é uma obrigação de todo músico e de todo educador.

Só para dar mais um exemplo, em minhas atividades profissionais – aulas, oficinas, palestras, reuniões, encontros de trabalho etc. – tenho, algumas vezes, experimentado o preconceito de quem ainda considera a música uma prática “menor”, dicotomizando arte e ciência e relegando às artes em geral e, especialmente à própria música, um lugar secundário, como se ela fosse apenas um adorno, uma ornamentação admitida em determinadas atividades educacionais e científicas. Considera-se, nesses casos, que ao dedicarmos mais tempo e sentido à música, perdemos “tempo” e deixamos de investir em maior qualidade acadêmica, o que não é nem necessariamente válido, nem verdadeiro, pois depende muito do ponto de vista de quem analisa e, principalmente, da história de cada pessoa e da concepção de educação, de ciência e de arte que é adotada. Mas, felizmente, posso também afirmar que esses casos acontecem cada vez menos, pois educadores, músicos, artistas e cientistas, de forma geral, já têm compreendido melhor a importância dessa associação que, na verdade, sempre deveria acontecer.

Tem valido a pena insistir e inserir a música nas referidas atividades profissionais. Sem deixar de ser também um educador, nem pedagogizar a música. Tenho tido, nessas oportunidades, a possibilidade de refletir e provocar reflexões que se baseiam nas práticas, nas experiências simbólicas, representativas e científicas de meus alunos, alunas e das pessoas com quem compartilho essas vivências, que tanto me ensinam.

Aproveitando a experiência musical de quem estudou violão erudito, popular, guitarra-jazz e canto coral – além de minhas autoincursões pelo mundo da composição musical e poética, comecei a associar, mais sensitiva do que cientificamente, música e educação. E sempre, ou quase sempre, tenho obtido ótimas respostas nessas atividades, pois, o que afirmo em teoria, mostra-se na prática: as pessoas se emocionam diante da música e, assim, aprendem e ensinam melhor, mais sensibilizadas, menos resistentes às mudanças, e passam a refletir criticamente sobre as suas próprias práticas.

Como escreveu um recente amigo:

[...] a música é sentimento e pensamento. Chico Buarque, ao confrontar-se com a aspereza da censura militar, não relutou em mandar para um

amigo “notícias frescas nesse disco”. Apoderar-se da música, das diferentes linguagens, aprendendo a ensiná-las, é forma de fazer política. Micropolíticas do desejo, das canções, cuja capilaridade de suas formas não as reduzem a um modo inferior de luta, mas, ao contrário, tornam-nas tão ou mais eficientes que as macropolíticas, haja vista a extensão de seus alcances e a bravura sutil de suas ramificações⁸¹.

Havemos de continuar, sempre mais, envolvidos e envolventes, por um Mundo Educador, que procura resgatar a totalidade do conhecimento e dos saberes de todas as pessoas e de todas as culturas. O mundo pode ser educador porque ele nos educa e porque nós também o educamos, ao fazê-lo tanto com base no nosso contexto, na cidade em que vivemos, no “município que educa” (PADILHA; CECCON; RAMALHO, 2010) quanto ao considerar o que se passa em todo o planeta. Além disso, é salutar à vida e à educação que aproveitemos mais todos os sons, os silêncios e a riqueza musical que toda a natureza nos oferece. Para isso, um bom começo é estarmos mais abertos e atentos, por exemplo, aos sons do vento, das ondas do mar, do cantar dos pássaros, de todas as espécies animais, vegetais, enfim, da farta musicalidade que temos o privilégio de experimentar em todo o planeta.

Quem não se aproveitar da múltipla sonoridade presente na natureza e nas diferentes culturas, perde a oportunidade de tentar viver mais feliz e, por conseguinte, deixa de desenvolver a sua própria sensibilidade musical. E quem, por outro lado, mesmo que se considere uma pessoa educada, não desenvolver as suas potencialidades artísticas, qualquer que seja a linguagem, vive também menos sintonizado com o próprio planeta que o acolhe, com a “mãe natureza”, que mesmo maltratada por seus filhos que criam cultura, insiste em nos embalar com os seus cantos e encantos, em todos os cantos.

MÚSICA E EDUCAÇÃO: EIS O TOM

Música e educação: eis o tom. Por que estamos tocando nesse assunto, tão relegado pelas autoridades educacionais, mesmo em tempos de *internet*, de redes sociais e de *download* de canções baixadas a todo instante nos computadores, nos celulares e em diversas mídias? Como a música tem sido presente na escola e na vida da gente? Como ela pode ou poderia contribuir para melhorar a qualidade sociocultural e socioambiental da educação?

Para continuar a conversa, como sugere a paródia que anteriormente cantamos, seria, talvez, realmente aconselhável, propor que a música passasse a frequentar mais e mais as escolas e a educação de forma geral. Considero, com base em minha experiência pessoal, que quanto mais música, melhor: em casa, nos espaços comunitários, nas instituições educacionais fora da escola e nas escolas públicas

81. Trecho de uma carta com data de 7/2/2007 que recebi de Márcio Leopoldo Gomes Bandeira, ex-coordenador da área de EJA do Instituto Paulo Freire, ao me apresentar suas prestimosas sugestões para este texto, onde ele escreve também que “levar a arte a sério é levar a vida a sério e reconhecer vigor, potência de vida, poder no canto dos passarinhos e da lavadeira do rio”.

e privadas, que praticam a educação formal – às vezes, formal até demais. Vejam, por exemplo, como podemos “brincar” com música e, por meio dela, falar de coisas sérias. Como fizemos até aqui e também na paródia intitulada “Um pouco mais de coragem”, que revela um pouco da dificuldade dos nossos estudantes de entrarem na universidade e, principalmente, de prosseguirem e concluírem com êxito – e com aprendizagens de qualidade, em termos socioculturais, realmente comprováveis – os seus estudos.

A música tem tido, historicamente, várias funções – por exemplo, educacional, militar, religiosa – e pode ser utilizada em festas, funerais e diferentes rituais. E, da mesma forma que o fato de uma pessoa saber o que é justiça não significa que ela agirá de forma justa, também não é porque a pessoa é admiradora ou produtora de música que ela será uma pessoa naturalmente sensível e humanizada. Cabe, em todos os casos, um processo educacional e humanizador em que a música sirva, ela própria, como um processo educativo porque mobiliza a relação humana crítica e criativa. Nesse sentido, a música não é nem deve ser apenas ornamento. Ela é, principalmente, forma de expressão humana, forma de conhecimento, de emoção, de sensibilidade e de transformação.

Sem entrarmos especificamente nessa discussão, cabe perguntar: até que ponto nossa sociedade atual, em nível local e planetário, tem desenvolvido políticas efetivas de inclusão educacional e humana, se obrigamos os nossos jovens e adolescentes ou a não prosseguir os seus estudos, ou, então, a frequentar cursos universitários pagos, às vezes caríssimos, sem a correspondente qualidade? Ainda continuamos com aquela lógica: por um lado, a universidade pública de qualidade atende aos estudantes que, no ensino médio, estudaram em escolas particulares e em cursos pré-vestibulares a preço de ouro; por outro, os alunos da população empobrecida, filhos dos oprimidos – dos “esfarrapados do mundo”, como diria Paulo Freire –, que, no ensino fundamental e médio, frequentaram as escolas públicas – infelizmente ainda sucateadas e sem as mínimas condições para uma educação integral, por exemplo (embora não se possa nem se deva generalizar, pois existem escolas públicas maravilhosas!) –, são obrigados a pagar caro por um diploma universitário, em faculdades e universidades privadas, muitas vezes com turmas massificadas, sem a garantia mínima de uma formação de qualidade.

Há de se discutir também se podemos falar em qualidade da aprendizagem quando um aluno é aprovado em determinado curso com ótima avaliação, especializa-se numa área do conhecimento e se torna um grande profissional, mas, por outro lado, é uma pessoa arrogante, autoritária, insensível nas relações humanas que estabelece e preconceituosa em relação aos pobres, aos negros, aos índios, aos amarelos, aos homossexuais e aos transexuais. Poderíamos dizer que essa pessoa é educada, que tem uma formação de qualidade? Ou, ao contrário, deveríamos reprová-la e, também, as escolas pelas quais ela passou?

Ao pensar nessa situação – e em tantas outras possíveis, como a maior inserção de crianças, adolescentes e jovens, na plenitude da vida social e cultural, de modo que se valorize o protagonismo deles –, considero que a música pode ser uma atividade fundamental para a vida e para a humanização das pessoas desde muito cedo. É que a arte tem um papel transformador: vivenciada sempre mais

e compartilhada por pessoas de diferentes gerações, pode transformar a própria sustentabilidade do planeta, torná-lo mais viável, até porque o artista tem sempre um jeito diferente de ver e de se relacionar com o mundo em que vive.

Por outro lado, não devemos pressupor que a arte é neutra, pois há uma arte que serve à dominação social, ao *status quo*, à massificação cultural, à alienação; da mesma forma que há uma arte progressista, progressiva, crítica, de vanguarda, que busca emancipar a pessoa, transformar o mundo e aproximar sensivelmente as pessoas da própria natureza, que contribui, pois, para o fortalecimento de ações transformadoras em todos os níveis das relações humanas e destas com o planeta.

Não faço apologia à arte. Mas, se queremos um mundo mais feliz, um Mundo Educador e municípios que educam, mais justos e pacíficos, é perfeitamente possível considerarmos que a música – como também outras linguagens artísticas – é uma forma de incentivo para que as novas gerações vivenciem valores que vão além do consumo, da competição desenfreada e violenta e do utilitarismo presente na própria arte que, hoje, invade os meios de comunicação de massa. Nesse âmbito, a arte que vemos não colabora para que nossas crianças, jovens e adolescentes ampliem os seus universos enquanto construtores de um mundo mais sensível. A arte e, marcadamente, a arte do povo, a cultura popular, mobiliza outras lógicas e nos remete à consciência crítica e transformadora, que nos incentiva a ir em busca de uma sociedade mais sensível e respeitosa às diferenças sociais e culturais, mas que ao mesmo tempo valoriza as semelhanças, as identidades culturais e a convivência pacífica, crítica e criativa da sociedade.

Ao se trabalhar mais e mais as artes – e, nesse particular, a música – associadas à educação e considerando-as, em si mesmo, educação, pode-se contribuir para problematizar essa cultura de massa, que globaliza a cultura e fortalece ainda mais os efeitos perversos da globalização econômica – da qual todos somos vítimas e, de alguma forma, sujeitos, dependendo de nossas ações ou omissões – e que, infelizmente, faz-se tão presente em nosso cotidiano e nas nossas escolas.

Sem me dedicar a conceituações sofisticadas e atendo-me especificamente à música, considero que ela se refere a uma combinação de sons – e, claro, de silêncios – que “conservam entre si relações lógicas e ordenadas” (ARCHANJO, 1917, p. 16). Quanto mais o tempo passa, mais me convenço de que a música pressupõe também relações lógicas, ilógicas, ordenadas e desordenadas. Mas essa é uma outra discussão que não pretendo fazer aqui. Fica apenas como uma provocação para futuras conversas e pesquisas.

A finalidade da música “é evocar sentimentos ou traduzir impressões” (idem, *ibidem*). O que confirma o que foi dito no início em relação às emoções e aos sentimentos que ela nos causa. Isso não acontece por acaso, até porque sem sons e sem silêncios não haveria música. Sons e silêncios me remetem a uma outra análise também clássica: à das propriedades do som, que são altura, duração, intensidade e timbre. Sem definir cada uma dessas propriedades, quero falar delas pensando em educação.

Sons e silêncios na educação: quem fala, quem cala, quem falava, quem calava na escola e na educação? Quais os sons que temos valorizado na escola, na educação? Quais são, afinal, as vozes que têm contribuído para uma educação de

qualidade sociocultural e socioambiental? E temos sabido silenciar, dar tempo ao tempo para as mudanças necessárias? Ou, ao contrário, saímos às vezes em busca de resultados e nos esquecemos de dar conta do processo?

Altura: como têm sido nossas atuações educacionais? Graves, médias, agudas? Como temos nos posicionado nas diferentes situações da vida cotidiana escolar e qual tem sido o tom dos nossos diálogos e das nossas relações com as diversas pessoas que vivenciam, conosco, o dia a dia das unidades educacionais, da comunidade, da cidade e do mundo educador que queremos construir juntos? Temos, às vezes, erguido demais a altura da nossa voz com os nossos alunos e, por outro lado, eles têm feito o mesmo conosco? Temos diminuído o tom da nossa voz, quando necessário, para ouvir a voz da outra pessoa? E estaríamos aproveitando as oportunidades desses problemas e conflitos escolares, culturais e sociais, para compor, a várias mãos, e com “paciência-impaciente”, melodias, harmonias e ritmos que criariam em nós o sentimento do pertencimento, o fortalecimento de nossas identidades coletivas e o florescimento de novas sonoridades resultantes do encontro, da relação, do conflito e do reconhecimento das diversas culturas em constante interação?

Duração: como temos planejado a educação? A curto, a médio ou a longo prazo? Ou continuamos tendo apenas uma visão imediatista e utilitarista da educação que praticamos, que alimenta a ideia de uma sociedade competitiva, consumista e descartável? Como elaboramos os nossos planejamentos, projetos educacionais e escolares? Com gestões compartilhadas ou com gestões pseudodemocráticas e autocráticas? Além disso, quanto tempo de nossas vidas temos passado dentro da escola e nos dedicado à educação de nossos filhos, das nossas crianças e da nossa própria? Temos sabido aproveitar esse tempo ou, muitas vezes, deixamos o tempo passar – e continuamos deixando – porque a música tocada na escola nos parece sempre a mesma e, portanto, já sem graça, sem força, sem ritmo? Como combinar sons e silêncios com durações variáveis, mais flexíveis e dialógicas, que respeitem e contemplem os direitos de todas as pessoas?

Intensidade: qual foi, tem sido ou será a nossa dedicação à educação que temos, que fazemos e que queremos? Qual o nível da nossa vibração quando pensamos e fazemos educação, quando educamos a nossa ação e, por isso mesmo, sobre ela refletimos? Temos sabido denunciar com intensidade, com força e, por outro lado, soubemos e sabemos também anunciar com a mesma energia? É que é mais fácil denunciar. E, quando o fazemos, é quase sempre com aquela intensidade forte de quem está descontente, de quem critica, de quem sabe o que quer e sabe que não possui o que quer. E que, portanto, se não se tem o que se quer, geralmente ou quase sempre, é por culpa ou responsabilidade de alguém... menos a nossa. E mais: será que, na educação, diferentemente da música, temos apenas intensidades fortes e fracas? Não teríamos, também aí, diferentes gradações de intensidades que nos permitiriam “tocar a música” de forma mais dinâmica e, portanto, com mais qualidade sonora, sociocultural e socioambiental?

Timbre: qual é a qualidade do nosso trabalho, de nossa dedicação à formação humana e à capacitação técnica de nossos educandos e educandas? Somos professores e professoras com experiências e qualidades especiais, com timbres

diferenciados, ou, muitas vezes, não nos distinguimos de outros companheiros e nos percebemos uma massa de profissionais desvalorizados socialmente, quase sem uma identidade e com reduzida autoestima? Teremos condições de resgatar a identidade profissional do magistério e de reagir, para buscar novamente os nossos sonhos e utopias? O que temos feito para afinarmos os nossos instrumentos e para compormos as nossas sinfonias?

Enfim, temos sabido compor, executar e avaliar a nossa música maior que é a própria educação, tocada com bravura apesar das tantas adversidades? Como estão as nossas sonoridades sucessivas, os nossos “contrapontos”, as nossas “fugas”, as nossas ações continuadas, inteiradas, conectivas e a execução e avaliação processual dos nossos projetos? Temos conseguido trabalhar nossas harmonias, ou seja, combinar nossas diferenças e semelhanças culturais, ambientais, sociais, profissionais, econômicas e políticas? Temos, também, sido efetivamente reflexivos e críticos com o ritmo do nosso próprio trabalho e com o trabalho de todos os profissionais da educação, dos alunos, das nossas comunidades escolares e dos nossos artistas? E qual tem sido o tom e o andamento dos nossos discursos em relação às nossas práticas, dos nossos acertos e desacertos? Afinamos os nossos instrumentos com o mesmo diapasão, numa ação orgânica, coletiva e orquestral ou, ao contrário, habituamo-nos com acordes apenas consonantes, dissonantes ou até mesmo desafinados?

Se considerarmos que a música pode nos causar tristezas, alegrias, excitação e tranquilidade, pergunto-me também se a educação sozinha, que tantas vezes praticamos, não nos faz sentir o mesmo, ou seja, alegrias e tristezas, identificações e diferenciações, “medos e ousadias”. O que poderia mudar, por exemplo, se a música estivesse mais presente nos processos educacionais e se a educação estivesse igualmente vinculada às músicas que escutamos e que aprendemos a cantar desde o ventre materno? Por seu lado, a música que temos escutado nas rádios, na televisão e, hoje, cada vez mais, também via *internet*, tem contribuído para a nossa emancipação humana ou para a nossa alienação política, ideológica e artística?

Quantas perguntas bonitas para responder, caso tivéssemos mais tempo, mais espaço para problematizar o mundo e, com mais música, buscar as possíveis soluções para as nossas inquietações. De qualquer forma, música e educação estão presentes em nós, em nossas vidas, desde o momento em que nascemos até a nossa morte. E ao nos educarmos, a música que escutamos, que criamos, que executamos e até mesmo aquela que deixamos de executar por conta de valorizarmos demais o silêncio, definem os passos e os compassos das nossas sinfonias, que podem nos fazer viver mais ou menos intensamente, justos, felizes, amorosos e humanizados. E saibamos: escutar é sempre mais do que ouvir, porque nos permite distinguir, identificar e sentir com mais qualidade as múltiplas sonoridades presentes no mundo em que vivemos.

Penso que a aproximação entre música e educação pode contribuir para uma vida mais saudável, feliz, significativa, digna, criativa, amorosa, esperançosa e ousada – como procurei demonstrar na composição intitulada “Paisagem”. Essa aproximação nos ajuda a não naturalizar o que não é natural, por exemplo, a miséria, a violência, a injustiça, as guerras e a destruição ambiental. Sensibilizados,

temos tendência a sermos ao mesmo tempo mais humanos e mais conectados à natureza e a todo o ecossistema. E, parafraseando Mário Quintana, digo que com mais música em nossa vida, passamos menos insensíveis e indiferentes pelos jardins que percorremos ao longo da nossa história.

A amorosidade, a “esperança sem espera” e a capacidade de cultivar os sonhos ao mesmo tempo em que partimos para a ação com base na Leitura do Mundo – que fazemos processualmente – são características do nosso processo de humanização. Enfrentar os desafios de frente e articular, politicamente, forças e energias coletivas e em relação permanente com o mundo em que vivemos são categorias de um pensamento crítico e complexo, que é indispensável à educação e à sociedade contemporânea. Isso se faz com paixão pelas mudanças necessárias e urgentes e em contraste com as condições concretas que temos para operá-las. Tal contexto exemplifica a possibilidade e a necessidade de se promover a aproximação entre arte e política, educação e cultura, ciência e arte, razão e emoção, ética e estética, técnica e afetividade, tecnologia e sensibilidade, planejamento e improviso, ciência e espiritualidade.

Não é de hoje que sabemos que as artes, em geral, sensibilizam-nos, emocionam-nos e que, emocionados e sensibilizados, aprendemos melhor, mais rapidamente e com mais qualidade. Nesse sentido, a arte mobiliza a emoção; e esta, a nossa inteligência. No mesmo caminho, arte e música tornam mais significativa a nossa vida e a educação porque contribuem para superar a lógica moderna da ciência, que separa razão e emoção. Trata-se de uma outra lógica, agora complexa, que nos convida a desencaixotar saberes e conhecimentos, a destronar certezas, a relaxar arrogâncias do conhecimento científico, diante de outras formas ou expressões do saber da humanidade.

Vivemos, na atualidade, um momento muito especial em que, inclusive, há movimentos sociais, culturais e especificamente musicais reivindicando a adoção do ensino obrigatório da música nas escolas públicas e privadas, como uma maneira de se ampliar a educação musical que quase nunca está presente nos currículos escolares. Até porque, na maioria das vezes, observamos que o ensino da arte-educação (ou da educação artística) nas escolas, resume-se ao estudo da história da arte, combinada com a ênfase ao ensino de algumas práticas das artes plásticas. Incluir a música, nesse sentido, seria contribuir para ampliar a educação da sensibilidade, sem nunca negar as outras manifestações artísticas e criativas, sempre fundamentais em qualquer processo educativo tanto para professores quanto para os alunos.

Caetano Veloso cantou “como é bom tocar um instrumento”. Entendamos como “instrumento” qualquer instrumento musical, por exemplo, a voz humana, o primeiro de todos. A nossa corporeidade, a nossa curiosidade sempre rítmica e lúdica, as nossas diferentes intensidades espirituais, as múltiplas cores da natureza e dos sons que produzimos culturalmente e, certamente, todos os instrumentos musicais, mais ou menos sofisticados, que a cultura humana foi capaz de produzir, formam uma grande orquestra.

É bom, sim, tocar um instrumento, desenvolver a nossa expressão artística, que nos faz mais expressivos, mais simbólicos, mais relacionais e criativos. É bom dançar, mexer o corpo, suar a camisa, gastar a energia, produzir sons quando

necessário e saber silenciar quando for a hora. E a hora, o tempo de se produzir sons e silêncios, depende dos contextos em que vivemos pois, como nos ensinam Gregory Bateson e Paulo Freire, é o contexto que nos permite criar o texto, o próprio novo contexto, os subtextos e os meta-contextos. Mas é fundamental, sempre, partir do ritmo da nossa própria pulsação e, simultaneamente, aprender a escutar a batida de todos os corações presentes nessa sinfonia – musical, educacional e vital – que podemos compor coletivamente. Dessa forma, além de ser mais sonora e mais bonita para nós, poderá agradar, provocar e sensibilizar um número bem maior de pessoas.

Finalmente, associar música e educação, incluir cada vez mais a educação musical na educação que se pratica em todos os níveis e modalidades educacionais, fora e dentro da escola, e valorizar a cultura dos diferentes povos – a sua sabedoria musical, cênica, plástica e virtual –, em associação com os conhecimentos científicos que, afinal, também estão presentes em nossa cultura, é contribuir para novas formas de alfabetização, próprias do nosso tempo: alfabetização da leitura e da escrita, alfabetização cultural, digital, emocional, tecnológica, cibernética, humanizada, entre outras.

Ao concluir esta breve reflexão, penso estar justificada a minha opção por acreditar na necessária aproximação entre arte e educação, entre razão e emoção, na busca de superar históricas dicotomias e na tentativa de caminhar para além de determinados formalismos da própria literatura científica e educacional. Propõe-se, assim, contribuir com a busca de novas formas de agir e de pensar a educação que acontece em todos os cantos. Isso significa valorizar a sensibilidade, a música e todas as artes, de modo a considerá-las fundamentos de nossa própria racionalidade.

REFERÊNCIAS

ARCHANJO, Samuel. *Lições elementares de teoria musical*. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1917.

BIASOTTO, Wilson Valentim. *Edificando a nossa Cidade Educadora*. Dourados: Nicanor Coelho Editor, 2006.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BRARDA, Analía; RÍOS, Guillermo. "Argumentos e estratégias para a construção da cidade educadora". In: GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alícia (orgs.). *Cidade Educadora: princípios e experiências*. São Paulo: Cortez/IPF; Buenos Aires: Ciudades Educadoras America Latina, 2004.

CABEZUDO, Alícia. "Cidade Educadora: uma proposta para os governos locais". In: GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alícia (orgs.). *Cidade Educadora: princípios e experiências*. São Paulo: Cortez/IPF; Buenos Aires: Ciudades Educadoras America Latina, 2004.

CETRANS (org.). *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília, Unesco, 2000.

FLEURI, Reinaldo Matias. "O desafio da transversalidade e da reciprocidade entre culturas na escola" (Prefácio). In: PADILHA, Paulo Roberto. *Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2004, p. 3-18.

_____; FREITAS, Mário Jorge. "O conceito de complexidade: uma contribuição para a formulação de princípios epistemológicos da educação intercultural, ambiental e para o desenvolvimento sustentável". *III Encontro Internacional de Educação Intercultural e Movimentos Sociais*, Florianópolis, 2006, 27 p., mimeo.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Petrópolis: Paz e Terra, 1987.

_____. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

_____. *Educação na cidade*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GADOTTI, Moacir. *Diversidade cultural e educação para todos*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

_____. *Pedagogia da terra*. São Paulo: Cortez/IPF, 2000.

_____. *Boniteza de um sonho: ensinar – e – aprender com sentido*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Um legado de esperança: questões da nossa época*. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 2006.

_____; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alícia (orgs.). *Cidade Educadora: princípios e experiências*. São Paulo: Cortez/IPF; Buenos Aires: Ciudades Educadoras America Latina, 2004.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis de. *Formação humana e capacitação*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. "Transdisciplinaridade e cognição". In: CETRANS (org.). *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília, Unesco, 2000.

MORIN, Edgard. *Complexidade e transcisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental*. Trad. de Edgard de Assis Carvalho. Natal: EDUFRN, 1999.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Meridional, 2005.

PADILHA, Paulo Roberto. *Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação*. São Paulo: Cortez/IPF, 2004.

_____. *Educar em todos os cantos*. São Paulo: Ed,L – Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

_____; CECCON, Sheila; RAMALHO, Priscila (orgs.). *Município que educa: múltiplos olhares*. São Paulo: Ed,L – Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010.